



ANPEd - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

8567 - Trabalho Completo - XV Reunião Regional da ANPED Centro-Oeste (ANPED-CO) (2020)

ISSN: 2595-7945

GT 12 - Currículo

### PRODUÇÃO CURRICULAR DA EDUCAÇÃO INFANTIL DO CAMPO NO COTIDIANO DAS CRIANÇAS

Eliziane Senes Alves - UNEMAT - Universidade do Estado de Mato Grosso

Maritza Maciel Castrillon Maldonado - UNIVERSIDADE DO ESTADO DE MATO GROSSO

Agência e/ou Instituição Financiadora: Capes

### PRODUÇÃO CURRICULAR DA EDUCAÇÃO INFANTIL DO CAMPO NO COTIDIANO DAS CRIANÇAS

A presente escrita é parte do resultado da pesquisa de mestrado intitulada “IMAGENS-NARRATIVAS E CRIANÇAS DO CAMPO: uma descontinuidade possível no cotidiano da escola e no currículo”. A pesquisa foi *feito* dos *encontros* que foram possíveis em seu percurso. Teve como objetivo problematizar o que pode uma criança da Educação Infantil de uma escola do campo, com uma câmera fotográfica em mãos, dar a pensar. Junto a esse objetivo, buscou-se: *possibilitar* à criança, fotografar e filmar seu cotidiano para *narrar* modos de subjetivação e compor *imagensnarrativas* que contem histórias de *descontinuidades, dentrofora* da escola do Limoeiro, *com/a* partir das produções das crianças da Educação Infantil do Campo. A pesquisa foi realizada em uma Escola rural do Município do Cáceres-MT. Como metodologia utilizou-se a *cartografia*, com inspiração nas pesquisas do cotidiano. A *cartografia* utilizada tem influência teórico-metodológicas em Deleuze e Guattari (1998) que propõem outros modos de tecer compreensões sobre o mundo. Com uso da *cartografia* produziu-se *mapas de experiências*, para *narrar o cotidiano* das crianças da Educação Infantil de uma escola do campo, participantes desta pesquisa, através das suas produções fotográficas e filmicas. Disponibilizou-se câmeras digitais compactas para cada criança fotografar e filmar seu dia a dia *dentrofora* da escola, junto aos familiares, colegas, professora e servidores. O caminho percorrido possibilitou *pensar* as infâncias como condição de possibilidade, e a criança como *devir*, que se constitui no encontro, a partir da experiência.

Nas conversas, imagens e sons produzidos pelas crianças, pude perceber um pouco do “zelo” que criam no dia a dia ao acordar cedo, entre as 4 e 6 da manhã, junto com o galo. *Ajudar* a tirar o leite da vaca, toma um leite com café, “da hora”, com um bolo ou pão,

geralmente caseiro. Produzir novas mudas, cuidar das criações, dar comida aos cachorros, gatos, galinhas, angolas, patos, papagaios e porcos. Aguar a horta, as flores, as orquídeas e as rosas do deserto entre outras espécies que a mãe coleciona. Limpar a casa, lavar a louça, fazer bolo e pão. Colher, no quintal, alimentos para o almoço: abóbora, abobrinha, cebola, cebolinha, alface, coentro, couve, salsinha, quiabo, maxixe etc. Pegar no quintal: amora, acerola, ata, abacaxi, banana, caju, coco, coquinho, graviola, goiaba, jaca, melão, manga, mamão, melancia, laranja, limão, seriguela e tamarindo. Se precisar, para o chá ou suco, tem: erva-cidreira, hortelã, poejo, picão, camomila, alecrim, capim-limão, carqueja, erva-doce, cavalinha e outras tantas ervas. Ainda tem muito tempo! Dá para *brincar*, dirigir trator, andar a cavalo, assistir televisão, brincar com os irmãos, correr no quintal, no curral, no chiqueiro, no pasto, em cima da moto, debaixo ou em cima da árvore. Andar de bicicleta, fazer dos ursinhos, bonecas e carrinhos, artificios para ampliar a imaginação. Treinar a mira com arco e flecha, arar a terra com tratorzinho, arrumar as coisas com as ferramentas e assim quebrar e consertar os brinquedos, montar e desmontar. Com bambolê, bambolear, pular com uma perna enquanto a outra move o bambolê, passá-lo por todo o corpo, no pescoço, no braço, na cintura e no tornozelo. Passar maquiagem nas irmãs, arrumar os cabelos, dançar e cantar imitando famosos da televisão. Balançar na rede ou no balanço, visitar os avós e comer bastante, pois na casa da vó tem fartura e não tem limite. Agora está na hora! É hora de tomar banho, almoçar e ir para frente de casa esperar o ônibus chegar.

O cotidiano citado acima é produzido por crianças singulares, diversas e plurais, que moram no Assentamento do Limoeiro, localizado a 90 km de Cáceres – MT. Apesar de terem muitas coisas em comum, por exemplo, serem matriculados na turma de Educação Infantil I e II da Escola Municipal do Limoeiro, são muito diferentes umas das outras.

Narro sobre/com essas crianças para compor alguns dos seus movimentos cotidianos que, de fora da escola, carregam consigo para dentro e compõem o currículo. Ao ser perguntadas sobre o que gostam na escola, as crianças respondem:

Isaque: colegas; Érico: professora; Felipe: carrinho; Vitória: escola; Guilherme: busão; Douglas: brincar de ser goleiro; Antônio: ir de ônibus para escola, brincar e estudar; Thalia: pular corda; Ana Luiza: brincar de boneca; Sofia: (demora responder, como se estivesse pensando) carrinho!; Rhaila: fazer tarefa; Joana: brincar de casinha; João Paulo: brincar.

Essas são crianças da Educação Infantil que dizem com clareza e simplicidade o que gostam na escola. O que a Vitória gosta na escola? A escola. Ou poderia ser o currículo? Afinal, o que é o currículo? Para Silva (2019 p. 12) “currículo é muito mais do que prescrições e normas com listagem de conteúdos e objetivos que precisam ser cumpridos”. A autora compreende o currículo como práticas produzidas no cotidiano escolar.

Talvez seja a riqueza das vivências que compõe o currículo, que tornam a escola tão especial, desde cedo para as crianças da Educação Infantil da Escola Municipal do Limoeiro. Tenho certeza de que as crianças não responderam dessa maneira, pensando no que falta para escola ou onde precisa melhorar ou, ainda, em um modelo padrão para seguir do currículo da escola. Mas nas práticas cotidianas em que o currículo é produzido pelos *praticantespensantes* do cotidiano escolar. É quando não tem massinha, mas tem um trigo perto de vencer e a professora faz com as crianças massinha na hora. É quando elas escolhem o desenho que querem pintar e a professora imprime o pedido de cada um. É quando as crianças chegam no ônibus, guardam o material na sala, vão beber água, ir ao banheiro ou brincar até a hora de reunir todos da escola em uma sala para ouvir uma história compartilhada, cantar e fazer oração ou ir para sala aguardar o que o dia reserva.

Para Kolling, Nery e Molina (1999, p. 67) os currículos escolares para o campo

precisam incorporar o movimento da realidade e processá-los como conteúdos formativos. “Currículo é o jeito de organizar o processo educativo na escola.” Pois é diferente organizar uma escola como local de transmissão de conhecimento, de organizar um centro de formação humana. Assim, “é preciso rever os tempos e espaços que têm constituído o dia a dia de nossas escolas” (*idem*).

De acordo com essa tendência, é preciso aprender a aprender, ou seja, transformar informações em conhecimentos ou em postura diante de determinadas situações. Para isso é preciso enfatizar a escola como importante fonte atualizada e diversificada na comunidade, que contribui com seu desenvolvimento (KOLLING, NERY E MOLINA 1999, p. 68). Para os autores, “uma escola do campo precisa de um currículo que contemple necessariamente a relação com o trabalho na terra. Trata-se de desenvolver o amor à terra e ao processo de cultivá-la como parte da identidade do campo” (KOLLING, NERY E MOLINA 1999, p. 68).

Segundo os autores, os currículos precisam trabalhar o vínculo entre educação e cultura a fim de valorizar tanto a comunidade, como os estudantes. Uma parte da pesquisa de Doutorado realizada por Peripolli (2008) fala sobre avanços obtidos pela lei (LDB 9.394/96, art. 28) que possibilita pensar na Educação do Campo a partir de sua própria realidade espacial e cultural. O autor afirma que “ao se formularem os currículos, sejam levadas em conta as especificidades do meio, isto é, os aspectos socioculturais da vida do campo em cada região” (PERIPOLLI, p. 104-105). Cito Peripolli (2008, p. 112) e algumas considerações que faz referente a Lei 9.394/96, para pontuar, ainda, algumas semelhanças e apresentar uma mudança do cenário rural. Ele aponta que no aspecto sobre as especificidades do campo, o art. 28 menciona “adaptações necessárias à sua adequação” do conteúdo e da metodologia. E Peripolli (2008) questiona o porquê de não ser algo específico para o campo. Na Escola do Limoeiro às crianças de cinco anos, tal como na zona urbana, são introduzidas apostilas e regularmente feita a cobrança de uso da mesma pela Secretaria de Educação. São as apostilas da Fundação Lemann que não são pensadas, organizadas ou planejadas para o campo.

No quesito “profissionais da educação” (Título VI), que trata da formação dos professores, Peripolli (2008, p. 113) aponta não fazer referência aos que atuarão ou poderão atuar nas Escolas do Campo. Ele retrata um contexto de professores que ainda frequentam licenciatura, ou do curso de Magistério, ou de nível médio, trabalhadores que muitas vezes possuem baixos salários, baixa qualificação, sobrecarga de trabalho, alta rotatividade e dificuldade de acesso à escola. Na Escola do Limoeiro, porém, todas as professoras possuem graduação completa, a maioria com pós-graduação e todas efetivas do último concurso do município.

Como conclusão é possível afirmar que, com muitos avanços e alguns retrocessos, a escola vai se reinventando e abrindo possibilidade para melhorias. A Escola do Campo mostra sua força através do engajamento de toda uma comunidade que a abraça e luta por ela. Com Kolling, Nery e Molina (1999) e Masschelein e Simons (2017) percebi que, para construir uma Escola do Campo é preciso saber o lugar que a educação pode ocupar na construção de um projeto de desenvolvimento. A Escola do Campo produz valores, conhecimentos e tecnologias para o desenvolvimento igualitário da população.

Para tanto, a escola precisa cumprir seu papel e assumir compromisso ético/moral com cada criança que se torna aluno e a matéria precisa ser *profanada*. O professor precisa posicionar-se quanto às suas responsabilidades pedagógicas de criar *tempo livre* e permitir que o conteúdo e o conhecimento sejam significativos, a fim de provocar desejo de aprendizagem e renovação de mundo. Incorporando lições da educação popular na escola, o professor *amateur*, que ama a matéria, o ensino e as crianças, que prepara os alunos para o estudo e a prática, utilizando os *artefatos tecnológicos* disponíveis, para ter todos como

igualmente capazes de aprender.

**Palavras-Chave:** Currículo, Crianças, Educação do campo, Escola do Campo.

## REFERÊNCIAS

COSTA, Luciano Bedin da. **Cartografia: uma outra forma de pesquisar**. Revista Digital do LAV - Santa Maria - vol. 7, n.2, p. 66-77 - mai./ago.2014. Disponível em <https://periodicos.ufsm.br/revislav/article/view/15111>

DELEUZE, Gilles. & PARNET, Claire. **Diálogos**. Tradução de Eloisa Araújo Ribeiro. – São Paulo: Editora Escuta, 1998.

KOLLING, Edgar J.; Néry, Irmão; Molina, Mônica C. Por uma educação básica do campo. Brasília: Fundação Universidade de Brasília, 1999.

LARROSA, Jorge. **Elogio da escola**. – 1. ed. – Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2017.

MASSCHELEIN, Jan; SIMONS, Maarten. **Em defesa da escola, uma questão pública**. 2. Ed.2. reimp. Belo Horizonte: Autêntica, 2017.

PASSOS, Eduardo; KASTRUP, Virgínia; ESCÓSSIA, da Liliana. **Pistas do método da cartografia: Pesquisa-intervenção e produção de subjetividade**. Porto Alegre: Sulina, 2015.

PERIPOLLI, Odimar João. **Expansão do Capitalismo na Amazônia norte Mato-grossense: a mercantilização da terra e da Escola**. Tese (Doutorado em Educação) Programa de Pós Graduação em Educação- Universidade Federal do Rio Grande do Sul- UFRGS. Porto Alegre, 2008.

SILVA, Sandra Kretli da. **As imagens-cinematográficas como força que impulsiona o devir-pensamento no cotidiano escolar**. Revista Teias v. 20, n. 59, p. 283-300, out/dez 2019. Outras epistemologias e metodologias nas investigações sobre currículo.

SILVA, Sandra Kretli da. **Cartografia das artes de fazer e de nutrir**. Instrumento: R. Est. Pesq. Educ., Juiz de Fora, v. 17, n. 1, jan./jun. 2015.